

ENFERMAGEM:

Assistência, gestão e políticas públicas em saúde

4

Carolina Carbonell Demori
(Organizadora)

 **Atena**
Editora

Ano 2021

ENFERMAGEM:

Assistência, gestão e políticas públicas em saúde

4

Carolina Carbonell Demori
(Organizadora)

Atena
Editora

Ano 2021

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

iStock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof^a Dr^a Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof^a Dr^a Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^a Dr^a Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof^a Dr^a Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof^a Dr^a Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal do Semi-Árido
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof^a Dr^a Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Prof^a Dr^a Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof^a Dr^a Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa da Fontoura Custódio Monteiro – Universidade do Vale do Sapucaí
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Sidney Gonçalo de Lima – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo
Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobom – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Profª Ma. Adriana Regina Vettorazzi Schmitt – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alexandre Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andrezza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Carlos Augusto Zilli – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará

Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Edson Ribeiro de Brito de Almeida Junior – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atilio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Prof. Me. Francisco Sérgio Lopes Vasconcelos Filho – Universidade Federal do Cariri
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramirez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Lilian de Souza – Faculdade de Tecnologia de Itu
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Livia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Me. Luiz Renato da Silva Rocha – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos

Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Prof. Me. Marcos Roberto Gregolin – Agência de Desenvolvimento Regional do Extremo Oeste do Paraná
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Dr. Pedro Henrique Abreu Moura – Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Rafael Cunha Ferro – Universidade Anhembi Morumbi
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renan Monteiro do Nascimento – Universidade de Brasília
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Prof. Dr. Sullivan Pereira Dantas – Prefeitura Municipal de Fortaleza
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Universidade Estadual do Ceará
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Enfermagem: assistência, gestão e políticas públicas em saúde 4

Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Correção: Maiara Ferreira
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os autores
Organizadora: Carolina Carbonell Demori

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E56	Enfermagem: assistência, gestão e políticas públicas em saúde 4 / Organizadora Carolina Carbonell Demori. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-5983-295-8 DOI: https://doi.org/10.22533/at.ed.958211607 1. Enfermagem. 2. Saúde. I. Demori, Carolina Carbonell (Organizadora). II. Título. CDD 610.73
Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, desta forma não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

APRESENTAÇÃO

A coleção “Enfermagem: Assistência, Gestão e Políticas Públicas em saúde” é uma obra dividida em quatro volumes que têm como enfoque afirmar a enfermagem enquanto ciência do cuidado, por intermédio de diversos trabalhos científicos que abrilhantam os volumes da obra.

Os capítulos são apresentados por estudantes de enfermagem, enfermeiros, pós-graduandos e pós-graduados de inúmeras instituições do Brasil, que firmam a pesquisa e a ciência como ferramenta de aprimoramento e qualificação da enfermagem. A coleção é composta por estudos reflexivos, pesquisas de campo, relatos de experiência e revisões literárias que perpassam nos diversos cenários da assistência de enfermagem.

O objetivo central foi apresentar de forma categorizada e clara estudos desenvolvidos em diversas instituições de ensino e pesquisa do país. Em todos esses trabalhos, as linhas condutoras foram a assistência de enfermagem em diferentes cenários de atuação, a gestão de enfermagem e a gestão do cuidado nos serviços de saúde, a saúde do trabalhador de enfermagem e a pesquisa e inovação na enfermagem.

O primeiro volume elenca capítulos que evidenciam os profissionais de enfermagem responsáveis por boa parte das ações assistenciais e, portanto, encontram-se em posição privilegiada para reduzir a possibilidade de incidentes que atingem o paciente, além de detectar as complicações precocemente e realizar as condutas necessárias para minimizar os danos. A Sistematização da Assistência de Enfermagem (SAE), é referida por proporcionar cuidados individualizados, garantindo ao enfermeiro qualidade na execução de suas tarefas e ao paciente um tratamento diferenciado possibilitando o planejamento, a execução e avaliação dos cuidados realizados nos diferentes cenários de assistências.

O segundo volume traz ênfase às questões de gestão de enfermagem e gestão do cuidado de enfermagem, que podem ser definidos como um conjunto de processos utilizados para planejar, construir, equipar, avaliar e manter a confiabilidade dos cenários de atuação da enfermagem. Para garantir que a enfermagem, em qualquer nível de atuação, promova ações baseadas no conhecimento científico, torna-se imprescindível a aquisição de conhecimentos e habilidades técnicas, de gerenciamento, liderança e planejamento do cuidado no desenvolvimento de suas atividades laborais.

O terceiro volume elenca os capítulos relacionados a Saúde do trabalhador de enfermagem o qual enfrenta situações de risco no dia a dia, tais como sobreposição de funções, jornada de trabalho prolongada, conflitos interpessoais decorrentes do trabalho em equipe, deficiência de recursos materiais e humanos. Os autores trazem à tona a discussão de ordem física, organizacional e interpessoal envolvendo a saúde dos trabalhadores de enfermagem.

No último volume, os capítulos trazem a pesquisa e a inovação na enfermagem como elemento impulsionador da prática e a interface entre o cuidar e o pesquisar no

contexto hospitalar e da atenção primária. A produção do cuidado busca ampliar a qualidade das ações, estratégias de gerenciamento e da assistência de Enfermagem uma vez que a assistência prestada está voltada para a resolução imediata dos problemas de enfermagem levantados.

Temos como premissa a enfermagem como prática social. Não é possível termos enfermagem de qualidade apartada do trabalho em saúde de qualidade e eticamente comprometida com a vida das pessoas. A pesquisa em enfermagem começou a ser valorizada no Brasil a partir de 1972 com a implantação dos cursos de pós-graduação *stricto sensu*, depois disso, houve crescimento expressivo nas publicações de enfermeiros e estudantes da área, como consta nestes volumes, com diversos capítulos das mais diversas áreas de enfermagem. A partir destas publicações de resultados de estudos, podemos visar a qualificação de profissionais e pesquisadores no campo da ciência enfermagem.

Carolina Carbonell Demori

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

ALEITAMENTO MATERNO NO CONTEXTO DA PANDEMIA DA COVID-19: UM ESTUDO REFLEXIVO

Aclênia Maria Nascimento Ribeiro
Ravena de Sousa Alencar Ferreira
Fernanda Mendes Dantas e Silva
Rodrigo Marcondes de Pinho Pessoa
Maryanne Marques de Sousa
Yara Maria Rêgo Leite
Dallyane Cristhefane Carvalho Pinto
Lilian Samara Braga Meireles
Maria do Socorro Rego de Amorim
Felipe de Sousa Moreiras
Luciana Spindola Monteiro Toussaint
Luzia Fernandes Dias

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9582116071>

CAPÍTULO 2..... 8

SER AGENTE COMUNITÁRIO DE SAÚDE: SIGNIFICADOS REVELADOS POR MEIO DA TÉCNICA DO GIBI

Beatriz Santana Caçador
Marileila Marques Toledo
Larissa Bruna Bhering Silva
Camila Souza Ribeiro
Rodolfo Gonçalves Melo
Ariadne Barbosa do Nascimento Einloft
Carolina da Silva Caram
Lílian Cristina Rezende
Maria José Menezes Brito

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9582116072>

CAPÍTULO 3..... 25

FATORES ASSOCIADOS AO DESENVOLVIMENTO DE LESÃO POR PRESSÃO EM PACIENTES CRÍTICOS: REVISÃO DA LITERATURA

Lorena Fernandes de Resende
Luana Vieira Toledo
Mônica Félix de Alvarenga
Sebastião Ezequiel Vieira
Soraya Lucia do Carmo da Silva Loures
Lídia Miranda Brinati

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9582116073>

CAPÍTULO 4..... 36

ANÁLISE DE CAUSA MORTIS PREVALENTE EM PORTO VELHO DE 2010 A 2014

Pedro Augusto Paula do Carmo
Paulo Faustino Mariano
Deusilene Souza Vieira Dallacqua
Iglair Regis de Oliveira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9582116074>

CAPÍTULO 5..... 47

**PERCEPÇÕES DO FAMILIAR NO ACOMPANHAMENTO DO PACIENTE ONCOLÓGICO:
UMA REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA**

Andrio Lira Rodrigues
Jair de Melo e Silva Júnior
Kenia Gomes Lacerda
Loicilene dos Santos Torres
Sávilla Adria Lima Soares

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9582116075>

CAPÍTULO 6..... 63

ENFRENTAMENTO DE AFECÇÕES RESPIRATÓRIAS POR VÍRUS EMERGENTES

Geórgia Freitas Rolim Martins
Ághata Monike Paula da Silva Lins
Amanda Leticia da Silva Dantas
Amanda Gomes de Lima
Denilson de Oliveira Silva Junior
Estephany Barboza Alves
Fernanda Suely Fontes de Souza Santana
Kléber Rodrigues Mendes Santos
Maria Eduarda Luiz Bezerra
Maria Eduarda Oliveira de Lima
Priscila Cardoso de Santana
Wilgner Antonio de Melo Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9582116076>

CAPÍTULO 7..... 71

TRANSPORTE INTRA-HOSPITALAR DE NEONATOS PREMATUROS

Jorssa Pereira Gonçalves
Luciana Leite Caetano
Tadeu Nunes Ferreira
Renê Ferreira da Silva Junior
Bruna Lira Santos Ribeiro
Matheus José Afonso Gonçalves Araújo
Bruna Gleide Mascarenhas Pinto
Karla Talita Santos Silva
Marlete Scremin
Brenda Cristina Rodrigues de Almeida
Lucinei Santos Alves

Sylmara Corrêa Monteiro

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9582116077>

CAPÍTULO 8..... 79

MÚSICA E MUSICOTERAPIA NA INTEGRAÇÃO DE CRIANÇAS COM TRANSTORNOS DO ESPECTRO AUTISTA

Ana Carolina dos Santos Mendonça

Daniel Perdigão

Michelle Zampieri Ipolito

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9582116078>

CAPÍTULO 9..... 90

ADESÃO AO TRATAMENTO MEDICAMENTOSO DE USUÁRIOS CADASTRADOS NO PROGRAMA HIPERDIA: REVISÃO INTEGRATIVA DE LITERATURA

Fernanda Monteiro de Matos Silva

Gracilene da Silva Caldas

Elem Samara da Silva Diniz

Ilciene Santos de Vasconcelos

Milton Abreu da Mata

Maria Leila Fabar dos Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9582116079>

CAPÍTULO 10..... 102

AS CONDIÇÕES DE SAÚDE DAS COMUNIDADES RIBEIRINHAS NA REGIÃO NORTE: UMA REVISÃO INTEGRATIVA DE LITERATURA

Alisson de Araujo Silva

Ana Paula Azevedo Vaz

Francielen Lopes da Silva

Maria Leila Fabar dos Santos

Suellen de Oliveira Araujo

Valcinei Pinheiro Gato

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.95821160710>

CAPÍTULO 11..... 118

ABORDAGEM SOBRE O IMPACTO DAS ÚLCERAS VENOSAS NO COTIDIANO DE SEUS PORTADORES

Joana Trombetta

Ana Maria Cisotto Weihermann

Rosana Amora Ascari

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.95821160711>

CAPÍTULO 12..... 129

DESENVOLVIMENTO DO RECÉM-NASCIDO PREMATURO INTERNADO EM UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVA NEONATAL (UTIN)

Larissa de Campos Salcedo

Jessica Fernanda Silva Bolzan

Norma Mejias Quintero

Aline Bedin Zanatta
Luís Eduardo Miani Gomes
Grace Pfaffebach

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.95821160712>

CAPÍTULO 13..... 143

PERCEÇÃO DOS IDOSOS SOBRE SAÚDE SEXUAL E INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS

Patrícia de Oliveira Bastos
Maisa Leitão de Queiroz
Edanielle da Silva Pereira Oliveira
José Alexandre Alves do Nascimento
Francisco Rondinele da Silva Félix
Hernagila Costa Freitas
Ramon de Castro Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.95821160713>

CAPÍTULO 14..... 156

TUBERCULOSE NO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO: ANÁLISE DAS OCORRÊNCIAS SEGUNDO DIFERENTES LOCALIDADES NO PERÍODO DE 2010 A 2018

Veronica Rodrigues Amaral de Mello
Natália Alves Fernandes
Thalia Cristina Rodrigues da Silva
Leticia dos Santos Silva de Oliveira
Lucas Lima de Carvalho
Gerson Luiz Marinho

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.95821160714>

CAPÍTULO 15..... 170

UM ESTUDO SOBRE OS IMPACTOS DA ENDOMETRIOSE NA INFERTILIDADE FEMININA

Elizama Costa dos Santos Sousa
Graziele de Sousa Costa
Glauber Cavalcante Oliveira
Joseneide Barbosa de Sousa
Cássio Nunes Brasileiro
Valessa de Lima Ximenes
Tatiana Custódio das Chagas Pires Galvão
Cristiana Pacífico Oliveira
Maria Helena de Sousa Santos
Shelma Feitosa dos Santos
Julianna Thamires da Conceição
Danila Barros Bezerra Leal
Fabiola Uindaiara Oliveira Barreto Fonseca

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.95821160715>

CAPÍTULO 16..... 186

**EDUCAÇÃO EM SAÚDE VOLTADA PARA A PREVENÇÃO DO CÂNCER DE PRÓSTATA:
RELATO DE EXPERIÊNCIA**

Gilles Renner de Oliveira Lopes
José Leandro Mota Amorim
Vitória Ádria Gomes Oliveira
Lynda Beatriz Marinho Cavalcante
Isabelle Cordeiro de Nojosa Sombra

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.95821160716>

CAPÍTULO 17..... 192

**A PERSPECTIVA DO ENSINO-APRENDIZAGEM VOLTADO PARA A PRÁTICA DO
EXAME FÍSICO: UMA VIVÊNCIA DE MONITORIA ACADÊMICA**

Viviane Michele da Silva
Alexsandra de Luna Freire Holanda
Taciana Aparecida Vieira Moreira
Roseane Solon de Souza Oliveira
Janete da Silva Nunes
Jozicleide Barbosa dos Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.95821160717>

CAPÍTULO 18..... 198

**IMPACTOS PSICOLÓGICOS RELACIONADOS À SEXUALIDADE MASCULINA DURANTE
O TRATAMENTO DE CÂNCER DE PRÓSTATA: UMA REVISÃO DA LITERATURA**

Layse Lopes Ferreira
Edrea Eloiza dos Santos Pinheiro
Najara Paiva dos Santos
Brenda Talita Gadelha Silva
Letícia Mirian de Souza Faro
Cecília Bessa Farias
Raquel Carvalho Silva
Bruno José Gaspar da Silva
Izadora Larissa Cei Lima
Karina da Cruz Pinto Nahum
Felipe Souza Nascimento
Mércia Lannara Alves de Arruda

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.95821160718>

CAPÍTULO 19..... 204

**PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DE ESTUDANTES COM VULNERABILIDADE À SÍNDROME
DA IMUNODEFICIÊNCIA ADQUIRIDA (SIDA) EM UMA ESCOLA PÚBLICA DO MUNICÍPIO
DE BARCARENA – PARÁ**

Ana Cristina Cardoso Sacramento
Abigail dos Mercês do Vale Batista

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.95821160719>

CAPÍTULO 20.....216

MORTALIDADE POR DOENÇA FALCIFORME EM ALAGOAS NO PERÍODO DE 2008 A 2018

João Lourenço dos Santos Neto
Gilvânia Silva Vilela
Monique Suiane Cavalcante Calheiros
Givânia Bezerra de Melo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.95821160720>

CAPÍTULO 21.....224

ANÁLISE DA INCIDÊNCIA DOS CASOS DE HIV/AIDS: REGIÃO NORTE DO BRASIL, 2009 A 2019

Dauriane Souza Silva Miranda
Camila Evelyn de Sousa Brito
Thais Soares da Silva
Nayara Oliveira Costa
Jade Raissa Silva Araújo
Lynna Stefany Furtado Moraes
Devanes Lima de Albuquerque
Waldineia Lobato Garcia
Mayara Annanda Oliveira Neves Kimura

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.95821160721>

CAPÍTULO 22.....234

INFECÇÃO PUERPERAL EM UMA MATERNIDADE PÚBLICA

Marcília Soares Rodrigues
Amanda Karoliny Meneses Resende
Luana Silva de Sousa
Jessyca Fernanda Pereira Brito
Kleiton Richard da Silva Araújo
Ananda Carolina Barbosa da Silva
Cristiana Pacífico Oliveira
Ana Raquel Rodrigues Rosa
Nathaly Marques Santos
José Francisco Ribeiro

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.95821160722>

CAPÍTULO 23.....245

OBESIDADE E ADOLESCÊNCIA: UM AGRAVO NA QUALIDADE DE VIDA

Noélia Cunha Laurido
Ana Greicy da Silva Cruz
Maria Tereza Fernandes Castilho

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.95821160723>

CAPÍTULO 24.....254

RELAÇÕES ENTRE COMPLICAÇÕES OBSTÉTRICAS DURANTE O TRABALHO DE PARTO E PERINATAIS NA OBESIDADE

Melanie Janine Kok
Laryssa de Col Dalazoana Baier
Ana Paula Xavier Ravelli
Suellen Vienscoski Skupien

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.95821160724>

CAPÍTULO 25.....266

PUERPÉRIO E PLANEJAMENTO REPRODUTIVO: CONHECIMENTO DE PUÉRPERAS

Letícia Hellen Pereira Rodrigues
Mirelly Vieira Godoy
Maraína Moreira da Costa
Emmanuel Calisto da Costa Brito
Nayane de Sousa Santos Silva
Danielle Rosa Evangelista

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.95821160725>

CAPÍTULO 26.....283

ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS NA TENTATIVA DE SUICÍDIO EM USUÁRIOS ATENDIDOS EM SERVIÇO PRÉ-HOSPITALAR DE EMERGÊNCIA

Edmércia Holanda Moura
Márcio Dênis Medeiros Mascarenhas
Maria do Socorro de Almeida Chaves Soares

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.95821160726>

CAPÍTULO 27.....293

DIVERTICULITE: IMPORTÂNCIA DA INGESTÃO DE FIBRAS NA ALIMENTAÇÃO

Marilene Beserra Fonseca
Breno Piovezana Rinco
Gabriela Cristina Souza Virgílio
Lustarllone Bento de Oliveira
Raphael da Silva Affonso
Larissa Leite Barbosa
Virginia Vilhena
Eleuza Rodrigues Machado

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.95821160727>

CAPÍTULO 28.....307

A DOR NO RECÉM-NASCIDO NA UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVA NEONATAL

Mayara Macelle Lima de Lira
Ari Pereira de Araújo Neto
Carlos Eduardo Pereira Conceição
Liane Batista da Cruz Soares
Maria Gizelda Gomes Lages

Ione Rocha Neves
Francilidia Oliveira Vitorino de Assunção Conceição
Feliciano Santos Pinheiro
Ana Maria Almeida Silva Carvalho
Wilma Karlla dos Santos Farias
Christyann Lima Campos Batista
Francineide Campos Aires Teiera

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.95821160728>

CAPÍTULO 29.....319

DOENÇAS PULMONARES, É POSSÍVEL CONVIVER: REVISÃO INTEGRATIVA

Gilles Renner de Oliveira Lopes
José Leandro Mota Amorim
Vitória Ádria Gomes Oliveira
Ana Carolina da Silva Rabelo
Bruna Michelle Belém Leite Brasil
Denise Maria Sá Machado Diniz

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.95821160729>

CAPÍTULO 30.....325

**AVALIAÇÃO DA QUALIDADE DA ASSISTÊNCIA AO PARTO NORMAL HOSPITALAR:
REVISÃO INTEGRATIVA**

Maria Clara Paiva Nóbrega
Magdielle Idaline da Silva
Geyslane Pereira Melo de Albuquerque
Viviane Rolim de Holanda

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.95821160730>

CAPÍTULO 31.....336

**ANÁLISE DA EVITABILIDADE DOS ÓBITOS EM MENORES DE CINCO ANOS NO
ESTADO DO CEARÁ**

Ana Luana Barros da Silva
Sebastiana Nobre da Silva
Cristiana Ferreira da Silva
Ana Carolina Ferreira Feitosa
Cargila Ferreira Sudario
Gabriele da Silva Botelho
Eulina Lima Moreira
Francisca Valdiana Marques Freitas
Joana Darc Menezes de Araújo
Rosilda Araújo Fernandes Neta
Ilmara Silva de Oliveira
Izabel Cristina Gomes Carvalho
Naara Samai Cordeiro da Silva Pereira Lima

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.95821160731>

SOBRE O ORGANIZADORA356

ÍNDICE REMISSIVO.....357

MÚSICA E MUSICOTERAPIA NA INTEGRAÇÃO DE CRIANÇAS COM TRANSTORNOS DO ESPECTRO AUTISTA

Data de aceite: 01/07/2021

Data de submissão: 23/05/2021

Ana Carolina dos Santos Mendonça

Universidade de Brasília

Brasília, DF

<http://lattes.cnpq.br/3004863330694083>

Daniel Perdigão

Universidade de Brasília

Brasília, DF

<http://lattes.cnpq.br/2098976074112491>

Michelle Zampieri Ipolito

Universidade de Brasília

Brasília, DF

<http://lattes.cnpq.br/1226778806999882>

RESUMO: Os Transtornos do Espectro Autista (TEA) são uma condição associada a dificuldades de comunicação e padrões de comportamentos. Habitualmente identificados ainda na infância, os TEA implicam desafios para o indivíduo, para seus familiares, para educadores e para profissionais da saúde. O objetivo do trabalho foi apurar o uso da musicoterapia como ferramenta terapêutica e suas implicações na prática de enfermagem junto a portadores de TEA. Foi realizada uma revisão bibliográfica, utilizando como termos de busca descritores relacionados ao tema. Apurou-se que o conhecimento e o preparo do enfermeiro para o emprego de técnicas específicas da musicoterapia ante as singularidades dos pacientes portadores de TEA propiciam melhores resultados terapêuticos.

Conclui-se que os portadores de TEA podem se beneficiar de tratamentos específicos para melhorar sua qualidade de vida.

PALAVRAS - CHAVE: musicoterapia, transtornos do espectro autista, enfermagem.

MUSIC AND MUSIC THERAPY FOR INTEGRATION OF CHILDREN WITH AUTISTIC SPECTRUM DISORDERS

ABSTRACT: Autistic Spectrum Disorders (ASD) are a condition associated with communication difficulties and patterns of behavior. Usually identified in childhood, ASDs pose challenges for the individual, their families, educators, and health professionals. The aim of the study was to investigate the use of music therapy as a therapeutic tool and its implications for nursing practice with ASD patients. A bibliographic review was carried out, using as search terms descriptors related to the theme. It was found that knowledge and preparation of nurses for the use of specific music therapy techniques in view of the singularities of patients with ASD provide better therapeutic results. It is concluded that patients with ASD can benefit from specific treatments to improve their quality of life.

KEYWORDS: music therapy, autism spectrum disorders, nursing.

1 | INTRODUÇÃO

Os Transtornos do Espectro Autista (TEA) constituem uma condição identificada ainda na infância, com implicações em habilidades de comunicação e em comportamentos.

Os TEA podem se apresentar em graus variados, com destaques para atrasos na fala, comportamentos agressivos e dificuldade de manter relacionamentos (FREIRE; FONSECA, 2015).

Algumas características encontradas nos indivíduos são: apego a objetos específicos, resistência a mudanças na rotina, dificuldades na comunicação verbal, evasão a contatos visuais. O portador de TEA fia-se em seus interesses pessoais, ou seja, parece não possuir um mecanismo que dispare interesse pela interação externa. Isto prejudica o desenvolvimento da linguagem verbal e reduz a capacidade de socialização (SAKURAGI; CUNHA, 2015).

Entre as abordagens passíveis de adoção em crianças com TEA, estão medicamentos, abordagens comportamentais, meios de comunicação suplementares e alternativos, psicanálise, análise comportamental e recursos terapêuticos complementares. É nesta última abordagem que se insere a como a musicoterapia (FRANZOI *et al.*, 2016).

Uma definição de musicoterapia é o emprego de sons e de outros elementos musicais para promover saúde no contexto terapêutico. Métodos musicoterápicos variam de acordo com a necessidade do paciente, com o objetivo visado e com a abordagem ou linha de ação escolhida. A musicoterapia adota a música, mas também sons, vozes, corpos e instrumentos musicais, buscando a prevenção, o desenvolvimento ou a restauração do estado de saúde do paciente (ANJOS *et al.*, 2017).

Há registros milenares do uso da música como método de cura e prevenção. Estudos pioneiros a indicar efeitos da música para tratar doenças e a alcançar a mente humana foram publicados ainda no século XVIII. No século seguinte, a psicologia experimental abraçou a música como um de seus objetos de estudo mais relevantes, em situação que perdura até os dias de hoje (ANJOS *et al.*, 2017).

A musicoterapia pode ser utilizada como tratamento para crianças diagnosticadas com TEA por ser capaz de interagir e incidir favoravelmente sobre a necessidade de organização, de orientação e de estimulação da criança, sobre a imposição de limites de comportamento, sobre o desenvolvimento cognitivo, perceptivo, sensorial e motor, e sobre a dor. Além disso, a musicoterapia estimula a imitação, a reciprocidade e diversas competências sociais, especialmente porque chama a atenção desses pacientes para a terapia (ANJOS *et al.*, 2017).

Indivíduos com TEA são estimulados ao movimento a partir de um convite para reproduzir ou desenvolver gestos rítmicos ou para cantar e dançar; ao desenvolvimento da percepção auditiva ao acompanhar e tentar repetir padrões sonoros, como ritmos e melodias; à interação social e, portanto, à adesão à terapia, a partir do estímulo de manipulação de instrumentos musicais, com respostas visuais e táteis (SAKURAGI; CUNHA, 2015).

A musicoterapia é técnica privativa do profissional musicoterapeuta, tendo a função de prevenir, reabilitar ou tratar pacientes em uma relação na qual a música é um componente curativo. Já a intervenção musical pode ser livremente empregada por profissionais de

saúde não musicoterapeutas, tendo o intuito de facilitar ou enriquecer um tratamento já proposto pelo profissional ou o de induzir o paciente a um estado de autoterapia (ANJOS *et al.*, 2017; FRANZOI *et al.*, 2016).

Na enfermagem, a intervenção musical mostra efeitos positivos para o alívio de ansiedade e a redução do estresse, promovendo relaxamento e beneficiando pessoas em isolamento social. A música consta da Classificação de Intervenções de Enfermagem (*Nursing Intervention Classification*, NIC, na sigla em inglês). Até mesmo, há relatos que indicam Florence Nightingale como uma pioneira no uso terapêutico da música (FRANZOI *et al.*, 2016). Ademais, a música no cuidado de enfermagem abre possibilidades de interação e de participação, aumentando a autoestima, a memória e a integração social, o que tem uma implicação benéfica ainda maior para pacientes infantis (SILVA; TAETS; BERGOLD, 2017).

Diante deste quadro geral sobre TEA em crianças e a sua abordagem com música por enfermeiros, o objetivo deste trabalho foi o de apurar o uso da musicoterapia como ferramenta terapêutica e suas implicações na prática de enfermagem junto a portadores de TEA.

2 | METODOLOGIA

A metodologia que utilizamos na produção deste texto foi a pesquisa exploratória por meio de levantamento bibliográfico. Esta pesquisa bibliográfica é construída por meio da utilização de materiais escritos já existentes como fonte de consulta, principalmente artigos científicos, livros e teses, apresentando a vantagem de possibilitar a construção pelo pesquisador e ter a sua disposição uma variedade maior e mais completa de eventos do que a que poderia investigar com outras metodologias (GIL, 2017).

A pesquisa bibliográfica é a pesquisa realizada em material disponível para acesso, por meio de um resultado de pesquisas anteriores registradas, que se tornam, então, fontes dos temas a serem investigados pelos pesquisadores (SEVERINO, 2018).

Esta pesquisa teórica compôs-se da realização de uma pesquisa exploratória de plataformas e de sua revisão. A literatura selecionada envolveu artigos científicos, documentos publicados em páginas governamentais na internet, estudos de organizações privadas, além de documentos publicados pelo sistema do Conselho Federal e dos Conselhos Regionais de Enfermagem. As palavras utilizadas para esta busca foram: musicoterapia, autismo e transtornos do espectro autista, sempre associados à enfermagem.

Para uma melhor compreensão acerca dos materiais utilizados na elaboração da pesquisa, em seu contexto, foram considerados livros, artigos científicos, teses e dissertações. Para sua busca foram utilizadas bibliotecas, livrarias, sebos virtuais e informações governamentais e acadêmicas disponíveis na internet.

3 | DESENVOLVIMENTO

3.1 Transtornos do Espectro Autista

Os Transtornos do Espectro Autista (TEA) são transtornos surgidos nas primeiras fases do desenvolvimento neurológico. Seus portadores apresentam déficits sociocomunicativos e comportamentais, como déficits no desenvolvimento das habilidades comunicativas e de emprego da linguagem, comumente evidentes desde os primeiros meses de vida (SAKURAGI; CUNHA, 2015).

Trata-se de um conjunto de condições de causas multifatoriais ainda desconhecidas, possivelmente associadas a fatores genéticos, ambientais, condições gestacionais e de idade dos pais, e que acomete muito mais indivíduos do sexo masculino. A quinta edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais coloca os TEA na categoria de transtornos de neurodesenvolvimento (SAKURAGI; CUNHA, 2015).

Os TEA já foram considerados como um tipo de esquizofrenia. Na década de 1940, estudos deram início à mudança dessa ideia. Hoje, já é sabido que os TEA constituem um conjunto de condições neurológicas de graus e especificidades diversos, de causas multifatoriais, porém, distintos daqueles que caracterizam a esquizofrenia (SPOSITO; CUNHA, 2013).

Embora não se saiba muito sobre a fisiopatologia dos TEA e não haja um teste biológico que determine de forma inequívoca a condição, o diagnóstico de TEA costuma ter como base a observação de sinais no comportamento do indivíduo e relatos de pessoas em convívio íntimo, como pais e cuidadores (SPOSITO; CUNHA, 2013).

Algumas características encontradas nos indivíduos que apresentam TEA são a atração por objetos específicos, a resistência a alterações na rotina, a hesitação ante a necessidade de comunicação verbal e a fuga do contato visual. Portadores de TEA têm dificuldade de lidar com estímulos simultâneos, fixando-se naqueles mais simples e com os quais já se acostumaram. Há quem diga que isto nem sempre é um problema em si, podendo ser encarado e trabalhado como a forma escolhida pelo indivíduo para mediar sua relação com o mundo (SAKURAGI; CUNHA, 2015).

O diagnóstico de TEA antes dos três anos de idade ocorre quando se identifica, em variados graus, irregularidades na interação social, dificuldades na comunicação e persistências de comportamentos repetitivos. Portanto, esta tríade de alterações, quando identificadas nos indivíduos e consideradas fora do padrão de normalidade, apontam para o diagnóstico de Transtornos do Espectro Autista (SAKURAGI; CUNHA, 2015).

A abordagem terapêutica do indivíduo com TEA é rica em opções. Uma delas são os recursos terapêuticos complementares, como a musicoterapia. Trata-se de uma terapia que tem mostrado grande valor na complementação dos cuidados ao indivíduo. Medicamentos, comunicações por vias alternativas, psicanálise e psicologia de abordagem comportamental são escolhas principais de terapias (FRANZOI et al., 2016).

3.2 Musicoterapia no contexto dos TEA

O uso da música como método de cura e prevenção é registrado há milênios. Estudos sistemáticos na área remontam ao século XVIII. Os efeitos terapêuticos da música foram abraçados pela psicologia experimental no século XIX e, até hoje, esta área busca compreender o funcionamento dos estímulos sonoros como disparadores de efeitos cognitivos e fisiológicos no organismo (ANJOS *et al.*, 2017).

O reconhecimento da musicoterapia como área autônoma do conhecimento só ocorre bem mais tarde, na década de 1940. O regresso de soldados estadunidenses à sua nação após a guerra fomenta o estudo da música como terapia para tratamento de lesões cerebrais. Observe-se que esta ação, àquela época, é uma iniciativa da Enfermagem. Apenas na década seguinte se verifica a adesão da Medicina ante os promissores resultados obtidos. Na década de 1960, a musicoterapia já estava disseminada pelo Ocidente e, também, já estava presente profissionalmente no Brasil (ANJOS *et al.*, 2017).

Um conceito de musicoterapia é o de intervenção qualificada e especializada que faz uso de elementos da música para promover aprendizagens e desenvolvimentos de saberes e habilidades, em contextos de prevenção, de reabilitação de ou tratamento, com impacto positivo na qualidade de vida. Trata-se de definição bastante ampla, que visa evitar privilegiar ou limitar fundamentos, técnicas, áreas ou métodos (ANJOS *et al.*, 2017).

Além disso, tal amplidão na definição reflete o fato de a musicoterapia existir como área interdisciplinar, na qual se encontram, por exemplo, a Filosofia, a Antropologia, a Música, a Psicologia, a Biologia e a Medicina. Entre os especialistas, segue a busca por um referencial teórico próprio e singular à musicoterapia, ainda que seja natural que uma disciplina nascida da interseção de tantas áreas de conhecimento tenha a tendência de conviver com o compartilhamento e com a integração de definições externas (ANJOS *et al.*, 2017).

A intervenção com o uso de música pode ser direta ou indireta. Na intervenção direta, o musicoterapeuta decide antecipadamente quais atividades serão aplicadas, seus tempos e suas ordens de aplicação. Na intervenção indireta, as ações são planejadas depois da iniciativa do paciente. Ambas as formas de condução podem ser aplicadas em uma mesma sessão terapêutica (ANJOS *et al.*, 2017).

Os efeitos terapêuticos da musicoterapia se baseiam em complexos processos neurofisiológicos mediados pelo tálamo, pelo hipotálamo e pelo tronco cerebral, com respostas psicofisiológicas ante tais estímulos, possibilitando o relaxamento. Padrões de ondas cerebrais que se associam a cada estado de ânimo também variam conforme o tipo de estímulo sonoro ou musical aplicado. Um exemplo que merece destaque é o padrão que resulta em diminuição da percepção de dor. A quantificação de níveis de cortisol, de interleucina-1 e de certos anticorpos também é útil para avaliar os efeitos químicos da música nas respostas a estresses fisiológicos (SEPÚLVEDA-VILDÓSOLA *et al.*, 2014).

Quando o paciente é exposto à música de forma positiva, o efeito calmante é percebido após 20 a 30 minutos do início da sessão. Diminuir o nível de ansiedade de um paciente por meio da música é uma estratégia de baixo custo que melhora a qualidade da assistência prestada. Além disso, o uso terapêutico da música favorece o relacionamento interpessoal e a capacidade de aprendizagem, o que aumenta a disposição a permanecer hospitalizado, quando indicado ou necessário (SEPÚLVEDA-VILDÓSOLA *et al.*, 2014).

Assim, por meio da música, portadores de TEA podem se expressar de formas alternativas, restaurando ou desenvolvendo habilidades de ordem social, emocional, cognitiva e motora. O sentido da audição é estimulado com elementos de padrões rítmicos, não com a palavra. O sentido da visão, por meio da observação dos instrumentos musicais. O sentido do tato, pela manipulação dos instrumentos. A cinestesia, pelo movimento rítmico do corpo. Todas estas são atividades facilitadoras da terapia desses indivíduos (SAKURAGI; CUNHA, 2015).

Observa-se, portanto, como os elementos musicais criam essa conexão da criança portadora de TEA com o mundo ao redor. Aumentam-se as possibilidades de comunicação com o outro partindo-se do interesse da própria criança. O benefício adicional é o prazer de conseguir comunicação efetiva com as demais pessoas ao realizar essas atividades, gerando maior bem-estar para a criança e para aqueles que a cercam.

Caso relevante de musicoterapia aplicada a uma criança de três anos com diagnóstico de TEA leve foi relatado por Sposito e Cunha (2013). As autoras concluíram que, com o uso da musicoterapia, conseguiram entrar em sintonia com os pensamentos, movimentos e afetos da paciente, sendo possível promover um bem-estar emocional e social não só para o indivíduo, mas também para a família, com perspectivas de conquistas duradouras.

Merece ser destacada a posição de protagonismo da família no contexto do tratamento de pacientes com TEA. Visando a promoção à saúde do indivíduo e de sua família, que também cumpre a função de cuidadora, ressalta-se a importância da musicoterapia no contexto terapêutico dos TEA. A este respeito, Sposito e Cunha (2013) relataram, em seu trabalho, que a parte mais delicada de sua ação foi lidar com o sofrimento humano de pessoas próximas da paciente, por seu entendimento de que os sentimentos profundos da criança se mantêm enclausurados, repelindo tentativas de aproximação.

Porém, o trabalho de Sposito e Cunha (2013) é, também, fonte de esperança, ante o relato de que a música gerou a aproximação desejada pela família, ainda que em pequeno grau. As tímidas expressões de afeto elevaram o bem-estar dos envolvidos, colaborando para o fortalecimento da rede de apoio dessa criança.

3.3 Uso da música como tecnologia de cuidado em enfermagem com crianças com TEA

De forma geral, a música auxilia e humaniza o processo de hospitalização em pediatria, impactando positivamente o processo de cura e atendendo a demandas psicológicas

do paciente e da família (ANJOS *et al.*, 2017). Além disso, a música pode ser adotada no cuidado de enfermagem em geral, seja para estimular a interação e a participação, seja para ajudar na redução de sentimentos como ansiedade, dor, irritabilidade, medo e angústia, seja como forma de apoio para aumentar a autoestima, a memória e a integração social. No caso do paciente infantil, a música pode contribuir com especial intensidade na comunicação entre profissional e paciente, por meio da dimensão lúdica (SILVA; TAETS; BERGOLD, 2017).

Entre as atividades de intervenção musical que podem ser aplicadas a crianças com TEA estão a manipulação de instrumentos sonoros e musicais, o canto, a criação musical, os movimentos corporais rítmicos, a audição musical acompanhada ou não de vídeos, as histórias cantadas ou acompanhadas por música. A iniciativa pode ser da criança ou do terapeuta, conforme a demanda, a possibilidade ou a necessidade identificada no caso (FRANZOI *et al.*, 2016).

Aplicando a tecnologia intervenção musical à criança com TEA, pode-se romper o isolamento social que a criança tende a mostrar, aprimorar a comunicação por palavras, gestos ou símbolos, diminuir as exhibições de comportamento considerados estereotipados e estimular a difícil iniciativa de expressão própria e subjetiva da criança, favorecendo a percepção e a apropriação de novas formas de brincar (FRANZOI *et al.*, 2016).

Legalmente, o enfermeiro está amparado para atuar como musicoterapeuta se tiver especialização nessa modalidade, que constitui uma das terapias consideradas no rol das Práticas Integrativas e Complementares (PIC). Assim, um certificado de especialização em Enfermagem em PIC, com ênfase em Musicoterapia, pode ser registrado no Conselho Regional de Enfermagem da jurisdição à qual o enfermeiro está vinculado. Atualmente, esta hipótese é assegurada pela Resolução Cofen 581/2018.

Mas qualquer profissional de enfermagem pode utilizar livremente a música no cuidado a seus pacientes, desde que esteja capacitado para conduzir tais atividades. Como reconhece o Parecer 25/2010 da Câmara de Apoio Técnico do Conselho Regional de Enfermagem de São Paulo, estados de ânimo de um indivíduo podem ser alterados pela música, o que pode mascarar ou dificultar a obtenção de uma informação ou de um diagnóstico.

Portanto, a música só pode ser usada em cumprimento do que estabelece o Código de Ética dos Profissionais de Enfermagem (Resolução Cofen 564/2017), como, em seu Art.45, o dever de prestar uma assistência de enfermagem que esteja livre de danos decorrentes de imperícia, imprudência ou negligência e, em seu Art.59, o dever de aceitar encargos ou atribuições apenas quando se julgar técnica, científica e legalmente apto ao desempenho seguro para todos os envolvidos.

Entre os conhecimentos que garantem a oferta de um serviço profissional em musicoterapia, estão o conhecimento do profissional para avaliar a possibilidade de associar música a uma certa situação terapêutica e o conhecimento das ferramentas

que podem ser utilizadas nesse contexto, sempre mantendo-se em vista o respeito ao paciente e a suas singularidades, visando o aumento da chance de sucesso no processo de cuidado ao paciente. Observe-se, no caso de pacientes com TEA, que a comunicação entre profissional e paciente é mais difícil, sendo ainda mais importante que o enfermeiro tenha experiência prévia no uso de música no processo de cuidar.

O Programa Nacional de Humanização da Assistência Hospitalar (PNHAH), precursor da Política Nacional de Humanização (PNH), busca desde 2000 melhorar a qualidade da assistência, garantindo que os princípios do SUS estejam presentes nas relações dos pacientes e profissionais. Entre tais princípios, estão a autonomia e o protagonismo dos sujeitos, com a responsabilidade compartilhada por toda a equipe de saúde. Neste contexto, o objetivo de humanização da assistência torna-se mais próximo quando se adota a música no atendimento a crianças hospitalizadas, por seu potencial de estimulação da comunicação, da interação e do acolhimento (SILVA; TAETS; BERGOLD, 2017).

3.4 Centros de Atenção Psicossocial

O enfermeiro pode ser parte do processo de tratamento do portador de TEA em vários ambientes. Porém, destaca-se o papel do enfermeiro e seu contato com pacientes de TEA nos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS).

Em 2011, no âmbito do Sistema Único de Saúde, o Ministério da Saúde instituiu a Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), buscando atender a população com transtorno ou sofrimento mental, inclusive aquelas cujas necessidades na área se associam ao uso abusivo de álcool e outras drogas.

A RAPS possibilitou criar, ampliar e articular pontos de atenção a essa população. Os CAPS constituem um exemplo destes pontos de atenção. Os CAPS prestam serviço especializado a pacientes com sofrimento psíquico em substituição a internações, de modo que tais pessoas possam manter o exercício da socialização e da cidadania. Um dos CAPS de atendimento especializado é o Centro de Atenção Psicossocial Infantojuvenil (CAPSi), que está mais preparado para receber e lidar com os casos que envolvem a saúde mental de crianças e jovens (FRANZOI *et al.*, 2016).

Ainda que tais jovens sejam apenas sujeitos dotados de singularidades existenciais que requeiram atenção em saúde mental, em função da demonstração de agitação, de angústia, de tendência à automutilação e à agressão, de recusa ao contato e à interação social, a sociedade, de forma preconceituosa, rejeita estes jovens, por não se enquadrarem no imaginário idealizado de infância estabelecido (FRANZOI *et al.*, 2016). Tal postura estigmatizante não contribui para a ação da equipe multiprofissional dos CAPSi.

No caso específico da atuação da enfermagem no CAPSi, convém observarmos as normas que regulam o exercício da enfermagem em saúde mental e psiquiatria. Atualmente, isto significa cumprir as normas técnicas estabelecidas na Resolução Cofen 599/2018. Entre as competências do enfermeiro nesta área, está a de realizar práticas

integrativas e complementares em saúde dentre as ações de cuidado, se detentor de formação especializada. Isto, portanto, inclui a musicoterapia, que, como já mencionado, consta do rol de PIC.

Nas diversas atribuições do enfermeiro nessas unidades, pode-se notar sua grande carga de responsabilidade. Estes profissionais atuam em atendimentos individuais e coletivos, no espaço do CAPSi, em visitas domiciliares e na articulação de outros atores envolvidos, como escolas, conselhos tutelares e organizações da sociedade civil, especialmente as especializadas na causa dos pacientes em saúde mental e, no caso particular do presente estudo, organizações dedicadas às necessidades dos portadores de TEA (FRANZOI *et al.*, 2016).

Para ação em oficinas terapêuticas, um dos principais desafios da equipe de enfermagem é estar atualizada quanto às novas tecnologias de cuidado, sejam ferramentas ou instrumentos, para manejá-las adequadamente e, assim, promover o vínculo necessário à relação terapêutica com a criança ou adolescente atendido. O conhecimento atualizado pela contínua capacitação é essencial para garantir os fins desejados para a evolução do paciente (FRANZOI *et al.*, 2016).

Um relato de experiência que mostra as atribuições do enfermeiro no contexto do CAPSi aplicadas à atenção à criança com TEA com o uso da música como tecnologia de cuidado é fornecido por Franzoi et al. (2016). No caso, trata-se de uma intervenção musical aplicada em complementação ao atendimento a crianças com TEA. O referido estudo objetivou não apenas relatar a experiência do uso da intervenção musical no grupo de crianças com TEA, mas proporcionar reflexões úteis sobre o emprego desta tecnologia. Segundo o texto citado, as atividades realizadas pelos autores foram planejadas com base em pesquisas que comprovariam os efeitos benéficos da música em saúde mental. Dirigida pelos enfermeiros do local, a proposta das atividades foi a de oferecer atividades de dança, de composição, de audição e de recreação, todas no contexto musical.

Relatam Franzoi *et al.* (2016) que, durante o experimento, notou-se que a música possibilita trabalhar de forma lúdica a tríade interação, comunicação e comportamento dos pacientes, com resultados melhorados nos três aspectos. Entretanto, a equipe notou que uma parte das crianças apresentou efeitos iatrogênicos, expressando incômodo a alguns sons. Os autores atribuem tal ocorrência a percepções auditivas diferentes que algumas crianças com TEA possuem, que poderiam gerar sobrecarga neural.

Este resultado relatado demonstra e confirma que é necessário conhecimento e preparo do enfermeiro para o uso da tecnologia de intervenção musical ante as singularidades dos seus pacientes. Somente assim, esta ferramenta poderá servir de apoio para alcançar os objetivos terapêuticos, favorecendo o paciente nas dimensões alvos da terapia.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os Transtornos do Espectro Autista constituem um campo vasto para estudos. Nem mesmo a causa dos TEA é conhecida, persistindo como questão de investigação na comunidade científica. Além disso, devido ao fato de o transtorno apresentar desafios para o indivíduo, realizam-se diuturnamente estudos que evidenciem, ou não, as possibilidades de um tratamento específico melhorar a qualidade de vida desse indivíduo.

Considerando os resultados e conclusões de estudos dos últimos anos, pode-se concluir que a intervenção musical como tecnologia de cuidado em enfermagem é valiosa, benéfica e de baixos custos. Consequentemente, apresenta excelentes relações custo-benefício. Seu uso pode favorecer o indivíduo em diversas áreas, inclusive no contexto familiar, fornecendo possibilidades alternativas de socialização. O uso dos elementos musicais mostra poder amenizar efeitos negativos da tríade limitações na interação social, dificuldades de comunicação e comportamentos repetitivos.

Eis a grande relevância do emprego da intervenção musical pelo enfermeiro junto a pacientes com TEA. Uma vez que a música amplia os canais de comunicação, e a boa comunicação é um elemento fundamental para uma competente condução terapêutica, a música permite um melhor acompanhamento e um melhor atendimento do portador de TEA pelo enfermeiro. Em outras palavras, a música pode ser utilizada no relacionamento terapêutico amplo, não restrito ao tratamento específico dos TEA, em pacientes que apresentam TEA.

O que se conclui é que a tecnologia que inclui a música na terapia, seja pela musicoterapia ou de forma paralela a ela, mostra-se tão valiosa para o uso profissional do enfermeiro que deveria ser mais difundida entre estes profissionais. A difusão depende, contudo, de capacitação, para que sejam mais bem conhecidos os elementos musicais, as singularidades do paciente e a sua associação positiva, bem como sejam adequadamente desenvolvidas as habilidades na área da música em favor do paciente e do processo de cuidado. Esta possibilidade também pode ser explorada de forma ampla pelas equipes multiprofissionais, promovendo o bem-estar do paciente com TEA em toda a rede de apoio.

REFERÊNCIAS

ANJOS, Alexandre Gonzaga dos; MONTANHAUR, Caroline Daniel; CAMPOS, Érico Bruno Viana; PIOVEZANA, Ana Luiza Ribeiro Pereira Dias; MONTALVÃO, Joana Santos; NEME, Carmen María Bueno. Musicoterapia como estratégia de intervenção psicológica com crianças: uma revisão da literatura. **Gerais**: Revista Interinstitucional de Psicologia, v.10, n.2, p.228-238, 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-82202017000200008. Acesso em: 22 maio 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria GM/MS 3.088**, de 23 de dezembro de 2011. Institui a Rede de Atenção Psicossocial para pessoas com sofrimento ou transtorno mental e com necessidades decorrentes do uso de crack, álcool e outras drogas, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). Brasília: Imprensa Nacional, 2011. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2011/prt3088_23_12_2011_rep.html. Acesso em: 22 maio 2021.

CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM. **Resolução 564**, de 6 de novembro de 2017. Aprova o Código de Ética dos Profissionais de Enfermagem. Brasília: Cofen, 2017.

CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM. **Resolução 581**, de 11 de julho de 2018. Atualiza, no âmbito do Sistema Cofen/Conselhos Regionais de Enfermagem, os procedimentos para Registro de Títulos de Pós-Graduação Lato e Stricto Sensu concedido a Enfermeiros e aprova a lista das especialidades. Brasília: Cofen, 2018.

CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM. **Resolução 599**, de 19 de dezembro de 2018. Aprova norma técnica para atuação da equipe de enfermagem em saúde mental e psiquiatria. Brasília: Cofen, 2018.

CONSELHO REGIONAL DE ENFERMAGEM DE SÃO PAULO. Câmara de Apoio Técnico. **Parecer 25**, de 14 de junho de 2010. Apresenta parecer sobre a competência do enfermeiro para a utilização da música no cuidado aos pacientes. São Paulo: Coren-SP, 2010.

FRANZOI, Mariana André Honorato; SANTOS, José Luís Guedes do; BACKES, Vânia Marli Schubert; RAMOS, Flávia Regina Souza. Intervenção musical como estratégia de cuidado de enfermagem a crianças com transtorno do espectro do autismo em um centro de atenção psicossocial. **Texto & Contexto: Enfermagem**, v.25, n.1, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-070720160001020015>. Acesso em: 21 maio 2021.

FREIRE, Marina Horta; FONSECA, Maria Betânia Parizzi. As relações dos efeitos terapêuticos da musicoterapia improvisacional e o desenvolvimento musical de crianças com autismo. **Revista Nupeart**, v.14, p.46-55, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.5965/2358092514142015046>. Acesso em: 21 maio 2021.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2017.

SAKURAGI, Marcos Eikiti; CUNHA, Rosemyriam. Musicoterapia: um caminho para estabelecer vínculos e relações musicais com crianças autistas. **InCantare**, v.6, n.2, p.97-121, 2015. Disponível em: <http://periodicos.unespar.edu.br/index.php/incantare/article/view/1269>. Acesso em: 21 maio 2021.

SEPÚLVEDA-VILDÓSOLA, Ana Carolina; HERRERA-ZARAGOZA, Octavio René; JARAMILLO-VILLANUEVA, Leonel; ANAYA-SEGURA, Armando. La musicoterapia para disminuir la ansiedad: su empleo en pacientes pediátricos con cáncer. **Revista Médica del Instituto Mexicano del Seguro Social**, v.52, n.S2, p.50-54, 2014. Disponível em: <https://www.medigraphic.com/cgi-bin/new/resumen.cgi?IDARTICULO=50650>. Acesso em: 22 maio 2021.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 24.ed. São Paulo: Cortez, 2018.

SILVA, Karla Gualberto; TAETS, Gunnar Glauco de Cunto; BERGOLD, Leila Brito. A utilização da música em uma unidade pediátrica: contribuindo para a humanização hospitalar. **Revista Enfermagem Uerj**, v.25, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/reuerj.2017.26265>. Acesso em: 22 maio 2021.

SPOSITO, Mariângela da Silva; CUNHA, Rosemyriam. Musicoterapia para Angel: autismo, ritmo e um espaço-tempo de ser. **Revista Brasileira de Musicoterapia**, v.15, n.14, p.15-29, 2013. Disponível em: <https://www.revistademusicoterapia.mus.br/ano-xv-numero-14-2013>. Acesso em: 22 maio 2021.

SOBRE O ORGANIZADORA

CAROLINA CARBONELL DEMORI - Possui graduação em Enfermagem pela Universidade Federal de Santa Maria, tendo sido na graduação bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET/MEC, 2007-2010). Especialista em Cuidado pré-natal pela Universidade Federal de São Paulo. Especialista de enfermagem ginecológica e obstétrica e especialista em enfermagem clínico-cirúrgica. Mestre em Enfermagem pela Universidade Federal de Santa Maria e Doutora em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de Pelotas. Atualmente é docente do curso de Enfermagem na Universidade Federal de Pelotas/RS. Pesquisadora do AFRODITE: Laboratório Interdisciplinar de Ensino, Pesquisa e Extensão em sexualidade/ Universidade Federal de Santa Catarina/SC. Atua na área de enfermagem obstétrica, saúde do adolescente e enfermagem clínico-cirúrgica.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Álcool 17, 86, 88, 283, 285, 287, 289, 290, 291, 292

Aleitamento Materno 11, 1, 2, 3, 5, 6, 7, 137, 269, 272, 273, 277, 278, 279, 280

Alimentação 17, 2, 3, 96, 103, 105, 123, 126, 246, 247, 250, 251, 293, 296, 301, 302, 304, 323

Autista 13, 79, 81, 82, 88

C

Câncer de próstata 15, 43, 186, 188, 189, 190, 191, 198, 199, 200, 201, 202, 203

Comunidade ribeirinha 117

Criança 3, 43, 80, 84, 85, 87, 208, 215, 221, 268, 316, 338, 340, 342, 344, 351, 352, 353

D

Diverticulite 17, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 302, 303, 304, 305, 306

Doença Falciforme 16, 216, 217, 218, 220, 221, 222, 223

Dor 17, 3, 27, 48, 49, 55, 80, 83, 85, 120, 121, 123, 124, 125, 130, 134, 135, 136, 138, 140, 142, 170, 172, 176, 177, 178, 179, 181, 182, 184, 202, 272, 284, 293, 296, 299, 307, 308, 309, 311, 313, 314, 315, 316, 317, 318, 333

Drogas 17, 25, 26, 30, 31, 32, 63, 64, 86, 88, 148, 161, 207, 283, 284, 285, 287, 288, 289, 290, 291, 292

E

Educação em saúde 15, 23, 100, 115, 150, 186, 188, 189, 190, 227, 279, 302, 319, 322, 323, 324

Endometriose 14, 170, 171, 172, 173, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184

F

Fibras 17, 293, 294, 296, 297, 301, 302, 303, 304, 305, 308

H

HIV/AIDS 16, 37, 154, 155, 209, 213, 214, 224, 226, 227, 343

I

Infecção Puerperal 16, 234, 235, 236, 237, 238, 240, 241, 242, 243, 244

Infertilidade Feminina 14, 170, 171

M

Musicoterapia 13, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 87, 88, 89

N

Neonato 76, 135, 136, 137, 138, 140, 315, 316, 317, 341, 342, 343, 351, 352

O

Óbitos 18, 36, 37, 38, 42, 72, 73, 150, 216, 218, 220, 221, 222, 226, 231, 238, 242, 284, 288, 292, 306, 319, 321, 336, 337, 338, 339, 340, 341, 342, 343, 344, 345, 346, 347, 348, 349, 350, 351, 352, 353, 354

P

Paciente Oncológico 12, 47, 49, 50, 51, 54, 56, 57, 58, 59, 60, 61

Parto Normal 18, 235, 256, 261, 262, 325, 326, 327, 330, 331, 332, 333, 334, 335

Puerpério 17, 230, 235, 256, 263, 264, 266, 267, 268, 269, 270, 273, 275, 276, 277, 278, 279, 280, 281, 282

R

Recém-Nascido 13, 17, 4, 5, 6, 73, 74, 77, 78, 129, 130, 131, 134, 135, 140, 141, 142, 222, 257, 261, 262, 263, 307, 308, 309, 311, 318, 326, 337, 342, 347, 348, 349, 350, 351, 352, 353, 354

Revisão Bibliográfica 79, 247

Revisão Integrativa 12, 13, 18, 7, 25, 33, 35, 47, 51, 52, 72, 73, 74, 90, 92, 93, 94, 102, 105, 110, 117, 128, 129, 131, 132, 135, 141, 154, 155, 171, 173, 199, 200, 203, 243, 245, 247, 249, 253, 309, 310, 318, 319, 322, 325, 327, 331, 335

S

Sexualidade Masculina 15, 198

Sida 15, 204, 205, 206, 210, 214

T

Trabalho de parto 17, 254, 255, 256, 257, 260, 262, 263, 342, 345, 346

Transporte intra-hospitalar 12, 71, 75, 76, 78

U

Úlcera venosa 118, 119, 121, 123, 124, 125, 126, 127, 128

Unidade de terapia intensiva neonatal 17, 129, 132, 134, 135, 142, 307

Usuários 13, 17, 14, 17, 18, 20, 22, 62, 68, 90, 92, 93, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 116, 181, 283, 285, 287, 288, 289, 291, 292, 353

ENFERMAGEM:

Assistência, gestão e políticas públicas em saúde

4

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br

 Atena
Editora

Ano 2021

ENFERMAGEM:

Assistência, gestão e políticas públicas em saúde

4

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br

 Atena
Editora

Ano 2021